



**MULTIMODALIDADE EM REPORTAGEM:
METAFUNÇÃO IDEACIONAL/REPRESENTACIONAL E GÊNERO SOCIAL NA MÍDIA**

**MULTIMODALITY IN REPORT GENRE:
IDEATIONAL/REPRESENTATIONAL METAFUNCTION AND GENDER AT MASS
MEDIA**

Fatima Andreia Tamanini-Adames
UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO: Acreditando que, para além dos limites de uma leitura verbal, as reportagens encerram uma ideologia também por meio das imagens que veiculam, realizo um estudo multimodal de uma reportagem publicada pela revista *Veja*, buscando complementar a análise da metafunção ideacional no texto verbal, baseada na Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (2004), através da identificação de processos verbais de transitividade, com a análise da metafunção ideacional/representacional no texto não verbal, baseada na Gramática do Design Visual, de Kress e van Leeuwen (2006), verificando processos conceituais e narrativos. Esses últimos autores propõem uma metodologia que entende a metafunção ideacional como relacionada a significados representacionais nas imagens. O fato de a reportagem não ser assinada manifesta o caráter ideológico e opinativo dessa instituição midiática. Isso foi sugerido tanto pela maciça presença de processos relacionais de função classificatória no texto verbal, quanto pelos inúmeros processos conceituais classificatórios subjacentes encontrados nas imagens, os quais classificam casais como destinados a um “final feliz” – unindo homens com mulheres mais jovens –, ou a um “final infeliz” – separando homens de mulheres mais velhas.

PALAVRAS-CHAVE: Multimodalidade; metafunção ideacional/representacional; mídia; gênero social.

ABSTRACT: Believing that beyond the limits of a verbal reading, reports hold an ideology also through the images that they convey, I accomplish a multimodal study on a report published by *Veja* magazine, aiming to complete the analysis of ideational metafunction in the verbal text, based on Halliday's Systemic Functional Grammar (2004), by identifying verbal processes of transitivity, with the analysis of ideational/representational metafunction in the non-verbal text based on Kress and van Leeuwen's Grammar of Visual Design (2006), by checking narrative and conceptual processes. These last authors propose a methodology that understands the ideational metafunction as related to representational meanings in the images. The fact that the report is not signed expresses the ideological and opinionated character of this media institution. This was suggested by both the massive presence of relational processes, with classification function, in the verbal text, as well as by numerous underlying classification conceptual processes found in the images, which classify couples as destined to a "happy ending" – joining men with younger women –, or to an "unhappy ending" - separating men from older women.

KEYWORDS: Multimodality; ideational/representational metafunction; mass media; gender.

Palavras iniciais

De acordo com Franceschini (2004, p. 153), embora seja uma meta utópica, os leitores comuns esperam encontrar isenção e objetividade nas reportagens, as quais refletem “quase que exclusivamente a intenção do veículo de divulgar aquele assunto naquele momento”.

O século XXI está revelando uma humanidade com maior acesso à ciência e à informação, bem como a luta pela igualdade de direitos entre raças, minorias e sexos. Na primeira parte deste trabalho de contextualização, discuto sobre o fato de que, embora a vida da mulher vir aproximando-se a do homem, a imagem de objeto sexual parece permanecer principalmente na mídia, cujo ideal de objetividade ainda se revela predominantemente autoritário, não sendo buscado apenas pela agência produtora de notícias, mas também resultando das expectativas dos leitores.

Dentro do sistema linguístico, em uma segunda etapa, acreditando que, para além dos limites de uma leitura verbal, as reportagens encerram a ideologia das instituições midiáticas também através das imagens que veiculam, faço uma análise multimodal de uma reportagem da revista *Veja*.

Através da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004), estudo a metafunção ideacional, identificando os processos verbais de transitividade presentes no texto. Posteriormente, a fim de confrontar os resultados, verifico processos conceituais e narrativos nas imagens, baseada na Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006). Os autores propõem uma metodologia que entende a metafunção ideacional como referente à natureza dos eventos representados pelas imagens.

1. Contexto sociocultural

1.1. Gênero discursivo reportagem – mídia e gênero social

De acordo com Bahia (1990, p. 52), a reportagem implica a forma de ver a notícia, podendo projetar os fatos ao observá-los sob diferentes ângulos. No *Novo Manual de Redação* (FOLHA DE S. PAULO, 2001, p. 24), pode ser lido que boas reportagens devem sempre ouvir as partes envolvidas na questão que gerou o fato e transmitir, de maneira ágil, informações novas, objetivas (que possam ser contestadas por terceiros) e precisas sobre fatos, personagens, ideias e produtos relevantes: “toda boa reportagem exige cruzamento de informações”, primando pela imparcialidade e objetividade, e sua redação deve começar com o que é mais relevante ao público.

Segundo Vilas-Boas (1996), o formato do gênero reportagem se destaca por procurar destrinchar um assunto por meio de pesquisa mais acurada, focalizando o assunto e não somente o fato que deu origem a esse. A reportagem pode organizar seu texto a partir da revisão de fatos que envolvem um tema, atualizando e ampliando suas dimensões. Por seu caráter marcadamente interpretativo, esse gênero discursivo revela de forma mais visível a fragilidade da postura imparcial da mídia na exposição, comentários, explicações, comparações, previsões e provas com as quais ela (re)constrói o fato.

A mídia se interessa pela construção da história dos homens, organizando fragmentos da realidade estruturados pelos interesses dos produtores da notícia, não apenas divulgando os fatos da coletividade. A análise dos textos midiáticos revela-se “vital para a

edificação de uma consciência que nos permita compreender a influência que ela exerce na construção das imagens coletivas e, conseqüentemente, nas percepções da realidade e decisões humanas” (SOUZA, 2007, p. 1).

A mídia, trabalhando com representações, sobrevive na “crença infundada de um poder de manipulação absoluto” (MELO, 2006, p. 4), e, para Benites (2002, apud SOUZA, 2007, p. 2), o gênero reportagem permite à mídia argumentar de forma artilosa ou velada para muito além dos limites do seu dizer, construindo verdades e manipulando a opinião pública através de recortes da realidade.

Beiras et al (2008, p. 103-104) também trazem à tona o papel da mídia sobre a construção social das representações de masculinidade e feminilidade que, segundo eles, frequentemente evidenciam práticas sociais baseadas em perspectivas reducionistas, inviabilizando mudanças nas relações estabelecidas, e perguntam a quem interessaria a manutenção de visões essencialistas das relações entre os gêneros.

1.2. Gênero social – mídia e imagem feminina

Segundo Scott (2005, p. 92), “o gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado”, referindo-se à oposição homem/mulher e fundamentando o seu sentido. Para a reivindicação do poder político, “a referência tem que parecer segura e estável, como que fazendo parte de uma ordem natural ou divina”.

De acordo com Pereira (2004, p. 195), o conceito de gênero gerou rupturas na visão biológica do termo “sexo“, instituindo uma noção social. O gênero social, sendo uma categoria analítica sob diversas perspectivas disciplinares, reforçou a corrente não essencialista dos estudos de identidade e enfraqueceu o determinismo biológico que eternizava a subjugação das mulheres. “Os estudos de gênero propõem que se estude também o modo pelo qual as diferentes hierarquias sociais (de gênero, classe, raça ou idade) incidem umas sobre as outras, modelando-se mutuamente” (HEILBORN; CARRARA, 1998, p. 373).

A tecnologia e a mídia são potentes agentes fragmentadores da identidade da mulher no mundo contemporâneo. Segundo Vieira (2005, p. 209), a transformação das relações sociais dificulta a definição identitária em geral e, em particular, do gênero feminino. Mesmo que as identidades estejam em contínua construção, existe um descompasso em relação a essa mudança e à evolução global. Dessas diferenças resultam dificuldades, especialmente para as mulheres, em construir uma nova identidade.

A culturalmente estabelecida associação de sexo com reprodução, por exemplo, cria no imaginário feminino a ideia de que, com a menopausa, a mulher não precisa mais dar voz às suas necessidades sexuais, pois sua função enquanto procriadora está cumprida, segundo Oliveira et al (2008, p. 47). Mas não apenas se coloca em questão a maternidade com a menopausa, são todos os papéis culturalmente atribuídos à mulher, dizem Carvalho e Coelho (2006, p. 114).

Segundo a cartilha governamental *Envelhecimento ativo: uma política de saúde* (BRASIL, 2005, p. 8-9), em todo o mundo, a proporção de pessoas com 60 anos ou mais está crescendo mais rapidamente que a de qualquer outra faixa etária. Entretanto o envelhecimento da população, apesar de representar um trunfo da humanidade, é atualmente um dos grandes desafios. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 2004), ao longo do século XX, a expectativa de vida das mulheres brasileiras aumentou perceptivelmente entre os anos de 1910 (34,6 anos) e 1990 (69,1 anos) e, em 2000, já era de

72,6 anos. Há, então, conseqüentemente, um número crescente de mulheres no climatério e na menopausa.

Cancella e Abrão (2005, p. 157), analisando mulheres na faixa etária de 40 a 48 anos, observaram que elas traziam em seu discursos “o traço de uma geração de mulheres socialmente impedidas de fazer e de realizar os próprios projetos”; mulheres que pertenceram à geração que “experimentou as conseqüências de uma das mais profundas mudanças de comportamento já ocorridas no universo feminino” no cerne de uma revolução sexual, bem como passou por mudanças bruscas tanto na maneira de ver a vida quanto no exercício da sua cidadania.

Estudando determinantes sociais presentes no climatério, Mendonça (2004, p. 159) afirma que a imagem do “ser mulher” construída a partir de estereótipos sedimentados na beleza, na juventude, na fertilidade atinge profundamente sua identidade. O advento da menopausa afeta negativamente a construção da autoimagem feminina, marcando decisivamente sua concepção do envelhecer, seja quando a mulher associa o início do envelhecer a ela, seja quando a mulher apela para a tecnologia para tentar apagar os primeiros sinais físicos da idade e retardar o envelhecimento. O envelhecer, então, não é determinado apenas pela cronologia biológica, mas também pela condição socioeconômica e singularidade das histórias de vida das mulheres, conforme Carvalho e Coelho (2006, p. 117).

Além dos papéis sociais feminino e masculino, as imagens de gênero social também constroem os corpos biológicos não só enquanto sexo genital, mas “moldando-os e assujeitando-os a práticas normativas que hoje se encontram disseminadas no Ocidente” (SWAIN, 2001, p. 13). “Assim a sedução perversa, a inferioridade física e social, a incapacidade intelectual, a dependência de seu corpo e de seu sexo, a passividade vem sendo reafirmadas em imagens e palavras que povoam o imaginário ocidental” (SWAIN, 2001, p. 16).

2. Sistema linguístico

2.1. Gramática Sistêmico-Funcional e metafunção ideacional: processos verbais de transitividade

Na Gramática Sistêmico-Funcional – GSF –, a linguagem é organizada em torno de seu “sistema de dados do contexto social” e em torno do seu “sistema linguístico”, que se inter-relacionam e formam uma “rede sistêmica”. De acordo com Halliday (2004), o sistema de dados do contexto social é formado pelas escolhas dos falantes nas variáveis “modo” – maneira simbólica e os canais retóricos que são adotados para a transmissão da mensagem –, “relações” – papéis dos participantes da situação e a conexão entre eles –, e “campo” – natureza da prática social – que, por sua vez, permitem as outras escolhas no sistema linguístico – composto dos subsistemas fonológico, semântico e léxico-gramatical – que vão determinar o significado da língua. E todos os subsistemas estão interligados (Figura 1).

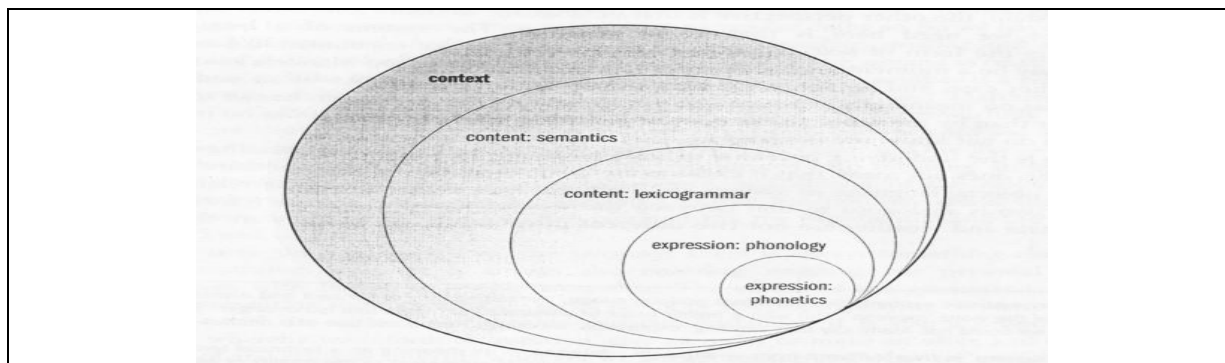


Figura 1: Linguagem e seu ambiente semiótico (HALLIDAY, 2004, p. 25).

Essas três variáveis do contexto são realizadas no sistema linguístico por três metafunções da linguagem: a metafunção textual – *clause as message* (HALLIDAY, 2004, p. 64-105) – que materializa a variável modo e relaciona aspectos semânticos e gramaticais do texto, dando à sentença seu *status* de mensagem e sendo “responsável pela organização dos significados experienciais e interpessoais em um todo coerente” (VENTURA; LIMA-LOPES, 2002, p. 1); a metafunção interpessoal – *clause as exchange* (HALLIDAY, 2004, p. 106-167) –, que materializa a variável relações e está ligada à maneira como os interlocutores usam a linguagem para interagir socialmente; e a metafunção ideacional – *clause as representation* (HALLIDAY, 2004, p. 168-305) –, que materializa a variável campo e refere-se a escolhas dos interlocutores que expressam o conteúdo do texto, possibilitando, assim, ao observador tirar partido da capacidade da linguagem de representar a natureza da prática social, as experiências do mundo interior e exterior (Figura 2).

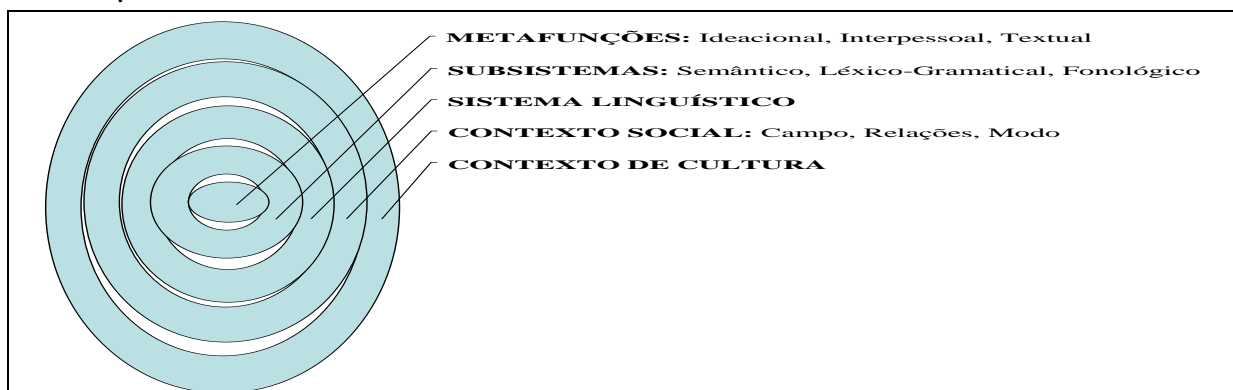


Figura 2: Rede sistêmica – adaptada de Halliday (2004).

As escolhas do subsistema semântico vão determinar as escolhas no subsistema léxico-gramatical, o qual permite a realização de significados no fraseamento, composto pela gramática e pelo vocabulário. O subsistema léxico-gramatical vai se organizar em torno do *sistema de modo e modalidade* no nível interpessoal, do *sistema de tema e rema* no nível textual, e do *sistema verbal de transitividade* no nível ideacional.

Dentro da metafunção ideacional, Halliday (2004, p. 280-305) escreve que, no sistema verbal de transitividade, cada proposição consiste de três elementos: o “processo” – elemento central; seu(s) “participante(s)”; e a “circunstância” – de caráter opcional – (Figura 3).

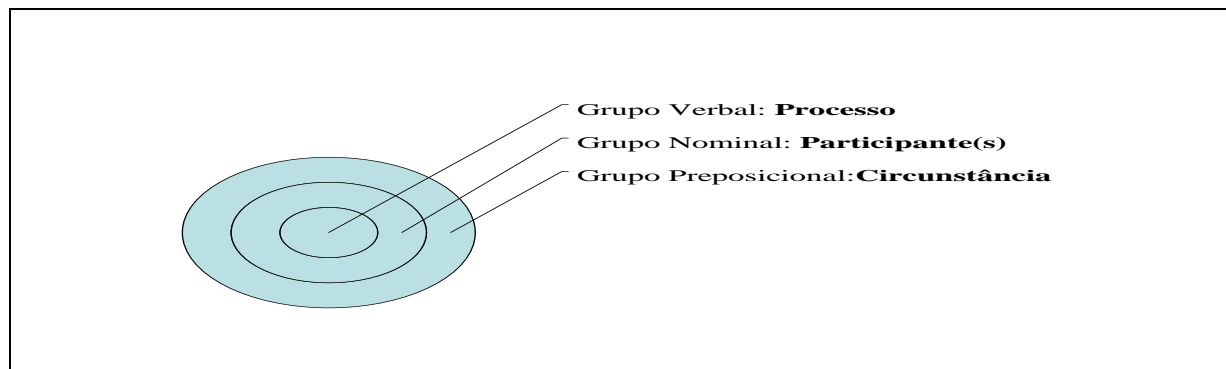


Figura 3: Representação da realidade no nível da oração – adaptada de BUTT et al (2000).

Os processos verbais de transitividade – PVT – são em número de seis: 1º materiais – PMA –; 2º mentais – PME –; 3º relacionais – PRE –; 4º comportamentais – PCO; 5º verbais – PVE –; e, 6º existenciais – PEX. Os PMA são processos de “fazer” relacionados a ações do mundo físico, em que o *ator* realiza a ação – sua presença é obrigatória – e o *meta* é o participante a quem o processo é dirigido. Os PME são processos de “sentir” que se referem a ações que se dão “no fluxo de nosso pensamento, ou em sua representação” (HALLIDAY, 2004, p. 197), e os participantes são o *experienciador* e o *fenômeno*, elemento percebido pelo *experienciador*. Os PRE, ou processos de “ser, ter e pertencer”, possuem uma função classificatória, relacionando duas entidades no discurso, e os participantes são *portador* e *atributo*, *identificador* e *identificado*, *possuidor* e *possuído*, ou *característica* e *valor*. Os PCO são ações que englobam comportamentos físicos e psicológicos realizados de forma simultânea, estando entre os PMA e os PME, e, a exemplo dos PME, exigem que pelo menos um de seus participantes – *comportante* e *fenômeno* – seja uma figura personificada. Os PVE são processos de “dizer” e estão na fronteira entre os PME e os PRE, não precisando possuir um participante humano, podendo ter quatro tipos de participantes: o *dizente*, o *dito*, o *receptor*, o *alvo*, e a *verbiagem*. Os PEX se encontram entre os PRE e PMA e são realizados tipicamente pelos verbos “haver, existir e ter”, sendo que “emergir, surgir e ocorrer” também podem ser considerados existenciais em alguns contextos, e têm apenas um tipo de participante, o *existente* (Figura 4).

PROCESSO DE TRANSITIVIDADE	SIGNIFICADO	PARTICIPANTES OBRIGATÓRIOS	PARTICIPANTES OPCIONAIS
<u>Material</u> PMA	Fazer, acontecer	Ator (agente)	Meta (afetado), Extensão e Beneficiário
<u>Mental</u> PME a) Perceptivo PME-PE b) Cognitivo PME-CO c) Afetivo PME-AF d) Desiderativo PME-DE	Sentir	Experienciador (agente) e Fenômeno (paciente)	-
<u>Relacional</u> PRE a) Intensivo [X é ou está A] PRE-IN (ser/estar, como?, o quê?) b) Circunstancial [X é ou está em A] PRE-CI (estar "em", quando?, onde?) c) Possessivo [X tem A] PRE-PO (ter) - Atributivo [A é atributo (circunstância) de X] - Identificativo [A = X]	Ser / estar / ter Classificar Definir	Portador e Atributo / Identificador e Identificado / Possuidor e Possuído [Circunstância] Característica e Valor	-
<u>Verbal</u> PVE	Dizer	Dizente e Verbiagem	Dito (o quê?) Alvo (sobre o quê?, de quê?) Receptor (por quem?)
<u>Existencial</u> PEX	Existir	Existente	-
<u>Comportamental</u> PCO	Comportar-se	Comportante	Fenômeno

Figura 4: Processos verbais de transitividade – adaptada de Halliday (2004, p. 208-210).

2.2. Sistema linguístico – Gramática do Design Visual e metafunção ideacional/representacional: processos conceituais e narrativos

Ao proporem uma “Gramática do Design Visual” – GDV –, Kress e van Leeuwen (2006, p. 1) foram pioneiros na ideia de aplicar a GSF na análise de imagens, vistas como estruturas sintáticas passíveis de um exame tal qual na linguagem verbal. Segundo eles, assim como a GSF descreve como as palavras se combinam em orações, sentenças e textos, a GDV descreve o modo como elementos representados nas imagens – pessoas, lugares e coisas – combinam-se em arranjos visuais de maior ou menor extensão e complexidade. Santos e Souza (2008, p. 4) dizem que isso foi possível porque a abordagem sistêmico-funcional pode “ser adequada para a análise sintática de qualquer sistema semiótico, inclusive a imagem, já que o que interessa à teoria sistêmico-funcional é o estudo da função, e não da forma”.

Conforme Novelino (2006, p. 381), “os sistemas semióticos possibilitam que os objetos possam ser representados e se relacionem uns com outros de maneiras diferentes”. Mas Kress e van Leeuwen (2006, p. 46) advertem que o modo semiótico escrito de realizar relações semânticas é diferente do modo semiótico visual: o que na linguagem verbal é realizado por “verbos de ação”, nas imagens é realizado por “vetores”, por exemplo; nem todas as relações realizadas linguisticamente podem ser realizadas verbalmente, e vice-versa, assim como nem todas as relações que podem ser realizadas visualmente podem também ser realizadas linguisticamente, e vice-versa. Para Novelino (2006, p. 381), as estruturas da língua e as estruturas da imagem possuem regras, estruturas e formação social próprias: “algumas coisas podem ser ditas visual e linguisticamente, outras podem ser ditas ou visual ou

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

linguisticamente, e em alguns momentos um meio complementa o outro”, e, para Kress e van Leeuwen (2006, p. 2), mesmo quando podem ser ditas visual e linguisticamente, a maneira como são ditas é diferente.

Segundo Novelino (2006, p. 381), a proposta da GDV de Kress e van Leeuwen (2006) para a análise de imagens, utilizando os aportes da GSF, “é de relacionar a noção teórica de metafunção de Halliday com a análise de imagens, e não de verificar se as estruturas linguísticas têm correspondentes nas estruturas visuais” (Quadro 1).

Metafunção ideacional	- Estrutura narrativa e conceitual
Metafunção interpessoal	- Contato - Distância social - Atitude - Poder
Metafunção textual	- Valor da informação - Saliência - Enquadre

Quadro 1: Categorias centrais das metafunções na GDV – adaptado de Biasi-Rodrigues e Nobre (2010, p. 2).

A teoria semiótica funcional das imagens, como proposta por Kress e van Leeuwen (2006), ao utilizar uma organização metafuncional também realizará seus significados através das mesmas funções, como exemplifica Unsworth (2001, p. 72): A- Representacional ou ideacional – as estruturas constroem também visualmente a natureza dos eventos, objetos e participantes envolvidos, e as circunstâncias em que ocorrem; B- Interativa ou interpessoal – recursos também visuais que constroem a natureza das relações de quem vê e o que é visto; C- Composicional ou textual – esses significados se referem à distribuição do valor da informação ou ênfase relativa entre os elementos da imagem. (NOVELINO, 2006, p. 381)

De acordo com Santos e Souza (2008, p. 4), ao proporem uma metodologia de análise de imagens e “discutirem o papel dos elementos visuais na composição de um texto escrito, Kress e van Leeuwen (2006) destacam o caráter ideológico que tais elementos encerram”. Para Kress e van Leeuwen (2006, p. 47), arranjos visuais reproduzem arranjos da realidade vinculados aos interesses das instituições sociais em que as imagens são produzidas, circuladas e lidas. Assim, conforme Santos e Souza (2008, p. 4), as imagens nunca devem ser encaradas de maneira inocente e devem ser sempre analisadas considerando-se sua dimensão sócio-ideológica.

Enquanto que na GSF a metafunção ideacional ocorre no sistema verbal de transitividade, Kress e van Leeuwen (2006) fazem a análise de imagens dessa função no que chamam de processos ou representações conceituais e narrativas. Na GDV, então, a metafunção ideacional irá referir-se à natureza dos eventos representados pelas imagens (Figura 5).

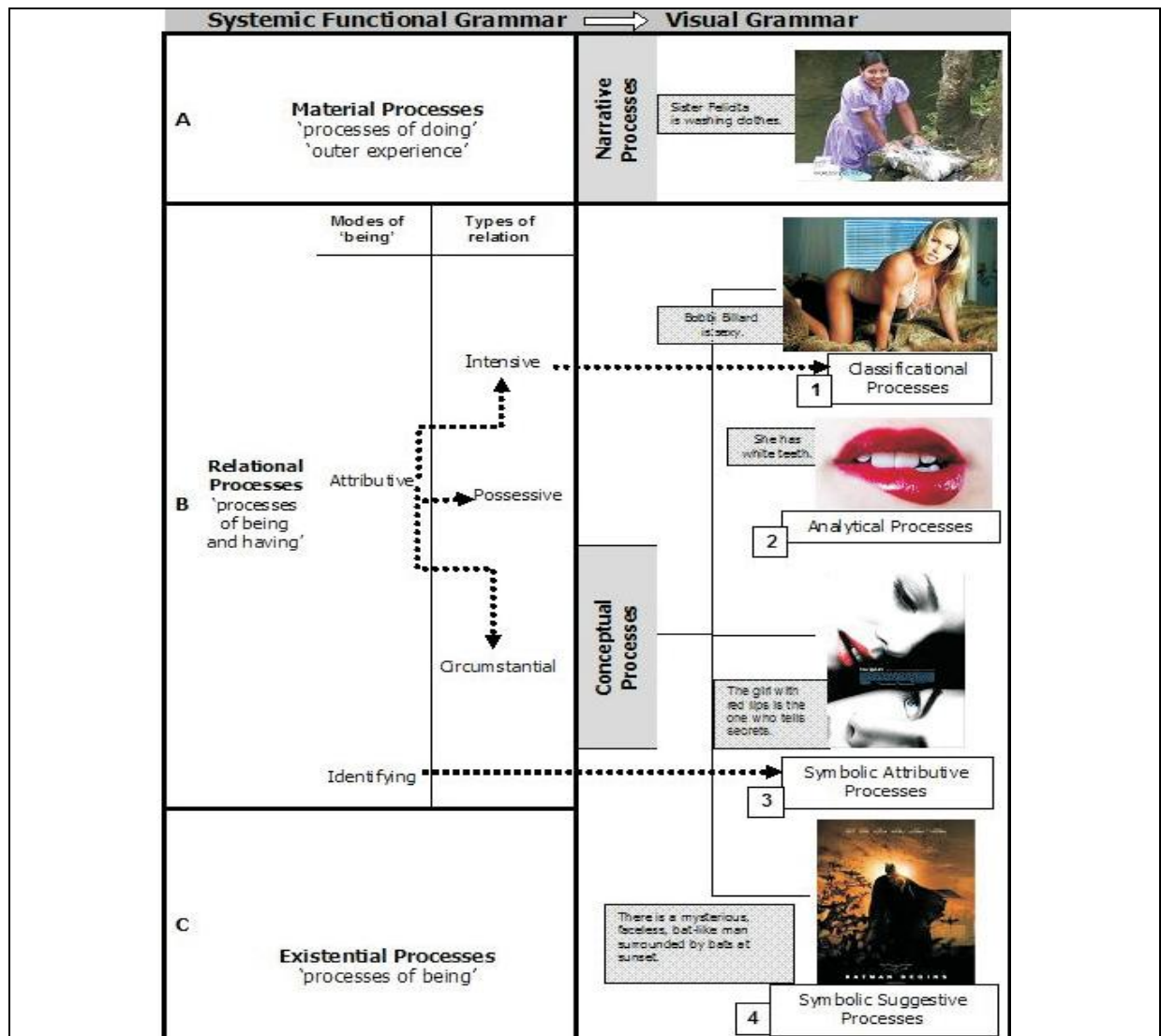


Figura 5: Correlação entre os sistemas de transitividade segundo a GSF e a GDV (MOTTA-ROTH; NASCIMENTO, 2009, p. 324).

Kress e van Leeuwen (2006, apud BIASI-RODRIGUES; NOBRE, 2010, p. 2) apontam dois tipos de participantes que interagem por meio de imagens: os “representados” nos textos visuais e os “interativos” (o produtor e o receptor da imagem), os quais podem interagir por meio de três modos de relação: “entre participantes representados; entre participantes interativos; e entre participantes interativos e representados”.

Na GDV, de acordo com Kress e van Leeuwen (2006), os participantes representados são todos os objetos ou elementos que fazem parte de um processo visual, relacionando-se uns com os outros por meio de vetores, que podem ou não existirem. “Visualmente, o vetor é que realiza o processo de interação entre dois objetos” (NOVELINO, 2006, p. 382). Sem a presença de vetores, temos processos conceituais – PC – nos quais, segundo Santos e Souza (2008, p. 5), os participantes são apresentados de maneira estática e atemporal: “Os modelos conceituais classificam, estruturam ou dão significado”. Ao contrário, havendo vetores conectando os participantes, temos processos narrativos – PN –, nos quais Kress e van Leeuwen (2006, p. 59) dizem que os participantes são representados como fazendo alguma coisa em relação ao outro, ou pelo outro, e apresentando ações

acarretadas e eventos, processos de mudança, arranjos espaciais transitórios etc. “Em síntese, para os autores, todas as categorias da rede semântica das estruturas representacionais são consideradas equivalentes e autônomas” (BIASI-RODRIGUES; NOBRE, 2010, p. 2) (Quadro 2).

METAFUNÇÃO	
GSF	GDV
<p>IDEACIONAL</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Processo Mental (<i>experienciador / fenômeno</i>) 2. Processo Relacional (<i>portador / atributo, identificador / identificado, possuidor / possuído, característica / valor</i>) 3. Processo Comportamental (<i>comportante / fenômeno</i>) 4. Processo Existencial (<i>existente</i>) 5. Processo Material (<i>ator / meta</i>) 6. Processo Verbal (<i>dizente, dito, receptor e alvo / verbiagem</i>) 	<p>REPRESENTACIONAL</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Processo Conceitual – sem vetores <ol style="list-style-type: none"> 1.1. PC Classificatório (<i>superordinado / subordinado</i>) 1.2. PC Analítico (<i>portador / atributo possessivo</i>) 1.3. PC Simbólico (<i>portador / atributo simbólico</i>): PCS Atributivo e PCS Sugestivo 2. Processo Narrativo – com vetores <ol style="list-style-type: none"> 2.1. PN Acional - vetores das linhas de ação (<i>ator / meta</i>): PNA não transacional e PNA transacional - unidirecional ou bidirecional 2.2. PN Reacional - vetores das linhas de olhar (<i>reator / fenômeno</i>): PNR não transacional e PNR transacional - unidirecional ou bidirecional 2.3. PN de Conversão (<i>revezamento</i>) 2.4. PN Mental 2.5. Verbal 2.6. PN de Simbolismo Geométrico - sem participantes
INTERPESSOAL	INTERATIVA
TEXTUAL	COMPOSICIONAL

Quadro 2: Metafunções da linguagem e processos de transitividade na GSF e na GDV – adaptado de Halliday (2004) e Kress e van Leeuwen (2006).

[...] em estruturas narrativas uma ação estaria ocorrendo, ou seja, os participantes estariam realizando alguma atividade, ao passo que em estruturas conceituais os participantes representados teriam um comportamento estático e, de certa maneira, descontextualizado. Além disso, haveria um constituinte nas estruturas narrativas não pertencente às conceituais, os *vetores*, indispensáveis, portanto para sua diferenciação. (BIASI-RODRIGUES; NOBRE, 2010, p. 2).

Conforme Kress e van Leeuwen (2006, p. 45-113), os PC podem ser de três tipos: 1º processos conceituais classificatórios – PCC – (participantes: *superordinado* e *subordinado*); 2º processos conceituais analíticos – PCA – (participantes: *portador* e *atributo possessivo*); e 3º processos conceituais simbólicos, subdivididos em processos conceituais simbólico-atributivos – PCS-A – e processos conceituais simbólico-sugestivos – PCS-S – (participantes: *portador* e *atributo simbólico*). Os processos conceituais (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 79-113) são “estruturas conceituais que, desprovidas de vetores,

apresentam-se de forma estabilizada e sem características acionais” (BIASI-RODRIGUES; NOBRE, 2010, p. 2).

Nos PCC, os participantes – *superordinado* e *subordinado(s)* – são representados em termos de seu lugar em uma ordem estática, de acordo com Kress e van Leeuwen (2006, p. 83). Segundo os autores (2006, p. 79), o *superordinado* e o(s) *subordinado(s)* estão relacionados em termos de uma taxonomia, ou seja, de um “tipo” de relação entre esses participantes. Essa taxonomia pode estar aparente – *overt* – ou encoberta – *covert*. Um exemplo de taxonomia aparente pode ser observado na Figura 3, em que o processo é o *superordinado* e a circunstância é o *subordinado*, sendo o participante um intermediário denominado *interordinado*. Entretanto, quando a taxonomia não é aparente, um PCC só pode ser percebido por meio de uma observação cuidadosa a partir da contextualização da imagem. Nos PCC, “os participantes são mostrados de uma forma objetiva, geralmente simétrica e, principalmente, são julgados como membros de um grupo particular” (BIASI-RODRIGUES; NOBRE, 2010, p. 2).

Em relação aos PCA, Kress e van Leeuwen (2006, p. 87) escrevem que são os processos que relacionam os participantes em termos de uma estrutura parte-todo: *portador* (todo) e número de *atributo(s) possessivo(s)* (partes).

Por fim, segundo Kress e van Leeuwen (2006, p. 105), os PCS estão relacionados ao que um participante “significa” ou “é” – *portador* (cujo significado ou identidade é estabelecida na relação) e *atributo simbólico* (que representa esse significado ou identidade). Os PCS estão subdivididos em PCS-A – processo que só apresenta *portador* e tem um significado intrínseco “cujo conhecimento seria prévio ao expectador da imagem e, portanto, teria o caráter de signo” (BIASI-RODRIGUES; NOBRE, 2010, p. 2) –, e PCS-S – “que teria, além do *portador*, elementos a partir dos quais se poderiam atribuir significados àquele constituinte, os atributos simbólicos” (BIASI-RODRIGUES; NOBRE, 2010, p. 2).

[...] em imagens, assim como em textos verbais, constroem-se simultaneamente três significados (ideacional, interpessoal, textual), nem sempre o sentido pretendido pode ser alcançado com a ‘soma’ da análise dessas três metafunções/estruturas. Muitas vezes, há necessidade de se recorrer, em casos de textos multimodais, a pistas verbais e, em casos de textos estritamente visuais, é preciso buscar inferências a fim de se compreender o sentido expresso pelas imagens, de modo que deve haver uma categoria visual que permita ao espectador realizar inferências a fim de atingir a compreensão da imagem. Defendemos, por isso, que são principalmente os *atributos simbólicos* e os *portadores* (categorias da estrutura representacional conceitual simbólica) os responsáveis pelas inferências que fazemos quando da leitura de textos visuais. (BIASI-RODRIGUES; NOBRE, 2010, p. 4).

De acordo com Kress e van Leeuwen (2006, p. 63), os processos narrativos, por outro lado, são distinguidos com base no tipo de vetor e no número e tipo de participantes envolvidos. Os PN (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 45-113) podem ser de seis tipos: 1º) processos narrativos acionais, com vetores das linhas de ação (participantes: *ator* e *meta*), acionais não transacionais – PNA-NT –, onde não visualizamos *meta*, ou acional transacional – PNA-T –, uni ou bidirecionais; 2º) processos narrativos reacionais, com vetores das linhas de olhar (participantes: *reator* e *fenômeno*), reacionais não transacionais – PNR-NT –, sem *fenômeno*, ou reacionais transacionais – PNR-T –, uni ou bidirecionais também; 3º) processos narrativos de conversão – PNC – (participante: *revezamento*); 4º) processos narrativos

mentais – PNM –; 5º) processos narrativos verbais – PNV –; 6º) processos narrativos de simbolismo geométrico – PNS – (sem participantes).

Quando existe um PNA (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 63-66), a “linha de ação”, ou vetor, emana do *ator*, “o qual, ele mesmo, inteiramente ou em parte, constitui-se vetor” (SANTOS; SOUZA, 2008, p. 5) em direção ao participante *meta*, que sofre a ação. “As linhas e as pontas das flechas indicam a direção do movimento dos participantes” (UNSWORTH, 2001, apud NOVELINO, 2006, p. 382). Havendo um PNR (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 67-68), a “linha de olhar” ou vetor parte do *reator* – homem, animal ou objeto personificado – em direção a um *fenômeno*, que “pode ser formado por mais de um participante ou ser, até mesmo, uma estrutura narrativa” (SANTOS; SOUZA, 2008, p. 5).

Também Kress e van Leeuwen (2006, p. 62) escrevem que, quando essas estruturas visuais acionais e reacionais têm somente *ator* ou *reator*, são não transacionais, ou seja, a ação ou a reação não está direcionada a nada ou a ninguém. Ao contrário, segundo os autores (2006, p. 63), havendo *meta* ou *fenômeno*, há um evento em que algo está acontecendo a alguém, então essas estruturas são transacionais, o que na linguagem verbal representa um verbo transitivo. Além disso, como o lembra Novelino (2006, p. 383), nos PNA-T, os participantes podem assumir tanto o papel de *ator* quanto de *meta* – papel duplo: *interador-interactor* –, *ator* que é *meta* do outro numa relação de reciprocidade, levando a narrativas acionais transacionais bidirecionais.

A língua oferece a possibilidade de se ter uma voz ativa ou passiva, no entanto Kress e van Leeuwen (2006) consideram essa possibilidade difícil de ser realizada nas imagens. Uma oração como *O chocolate foi comido*, na qual *o chocolate* é a *Meta*, e não o *Ator* do processo é difícil de ser representada, pois, de acordo com Kress e van Leeuwen, para mostrar que o chocolate foi comido, seria preciso mostrar quem (*Ator*) o comeu. (NOVELINO, 2006, p. 382).

No caso dos PNR, Kress e van Leeuwen (2006) seguem a mesma classificação usada para os PNA, mas “não se considera, todavia, um vetor saindo da linha do olho de uma imagem e atingindo um expectador, visto que, nesse caso, configurar-se-ia uma relação entre participante representado e interativo, escopo da estrutura interacional” (BIASI-RODRIGUES; NOBRE, 2010, p. 2). Assim, conforme Biasi-Rodrigues e Nobre (2010, p. 2), “há várias possibilidades de representação, já que se tem a alternativa de escolher quais e quantos participantes serão efetivamente retratados” (Quadro 3).

RELAÇÃO ENTRE OS PARTICIPANTES REPRESENTADOS	DENOMINAÇÃO
Ator/Reator – vetor – meta/fenômeno	Ação/Reação unidirecional transacional
Ator/Reator – vetor	Ação/Reação unidirecional não transacional
Interator – vetor – interator	Ação/Reação bidirecional transacional
Vetor – meta	Evento
Ator – vetor – revezamento (<i>relay</i>) – vetor – meta	Conversão

Quadro 3: Processos narrativos de ação na GDV – adaptado de Biasi-Rodrigues e Nobre (2010, p. 2).

Nos PNC, comuns em diagramas, Kress e van Leeuwen (2006, p. 68-69) escrevem que a *meta* de um processo é *ator* de outro, simultaneamente, mas sem relação de reciprocidade, e este participante é denominado *revezamento (relay)*. Nos “PNM e PNV”

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

(KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 68), “há, nas imagens, balões de pensamento e de fala, respectivamente, típicos de gêneros como histórias em quadrinhos, tirinhas e charges, mas não necessariamente restritos a essas formas de interação” (BIASI-RODRIGUES & NOBRE, 2010, p. 2). Finalmente, nos PNS (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 70-72), em que não há participantes, há apenas vetor(es) representado(s) por espirais, hélices, setas, etc.

3. Metodologia

O *corpus* selecionado para essa análise multimodal é composto por uma reportagem de capa¹ da edição impressa da revista *Veja* (2008) na sua versão *online*,² intitulada *Escândalo, pó e morte*, que envolve a atriz Susana Vieira na notícia da morte trágica de seu ex-marido, Marcelo Silva, testemunhada pela então namorada dele, Fernanda Cunha.

Nesse contexto sociocultural, a *Veja* foi especialmente escolhida porque, por ser “a revista de maior circulação no Brasil” (TAMANINI-ADAMES, 2010, p. 110) e destinar-se ao público em geral, acredito que pode refletir, além de sua opinião institucional, o pensamento de determinada porção da sociedade brasileira acerca de gênero social, no caso, representado aqui pelo “triângulo” composto por Susana – S -, Marcelo – M – e Fernanda – F -, respectivamente, “mulher madura”, “homem” e “mulher jovem”.

Conforme Jornada (2009, p. 17-18), que confirmou via *e-mail* dados com a equipe editorial, a publicação associa sua “missão à insistência na necessidade de consertar, reformular e repensar o Brasil, existindo para que os leitores entendam melhor o mundo em que vivemos”.

[...] a revista passou por sérias mudanças de perfil nos últimos anos, deixando a condição de magazine de cobertura “objetiva” de grandes eventos e passando a trabalhar na maior parte de suas reportagens com elementos claramente opinativos. No dizer de Coimbra³: “A *Veja* parece preocupada mais em provar seu ponto de vista do que em contar o que está acontecendo”. (SILVA, 2007, p. 74).

A opção por não delimitar a idade de Marcelo foi proposital porque, mesmo que o atual discurso feminista reivindique a beleza madura da mulher e critique os ideais de beleza da sociedade, concordo aqui com Castro (1995/1996, p. 123) quando observa que ainda “somente aos homens cabe o direito de serem belos enquanto jovens, charmosos enquanto maduros, interessantes enquanto velhos”. Sendo assim, acredito que o gênero social feminino é mais afetado no eixo “idade” do que o masculino.

Inserida na abordagem sistêmico-funcional a partir do sistema linguístico, estudo a metafunção ideacional no subsistema léxico-gramatical, o qual, por sua vez, está condicionado às escolhas do subsistema semântico, primeiramente dividindo as orações conforme o preconizado pelo sistema de tema e rema (HALLIDAY, 2004, p. 64-105; TAMANINI-ADAMES, 2010, p. 64-68) e, posteriormente, com base em Halliday (2004), verificando os PVT de todas as orações da reportagem.

De modo a comparar com os resultados anteriores, em uma segunda etapa, analiso separadamente as 10 imagens do texto visual presentes na versão *online* da

¹ A capa não é analisada aqui.

² Disponível em: <http://veja.abril.com.br/171208/p_132.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2010.

³ Cf. COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 1993. 183 p.

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

reportagem⁴ no nível representacional, para encontrar os processos conceituais e narrativos, com base em Halliday (2004) e Kress e van Leeuwen (2006). Finalmente, contextualizo as imagens, a fim de verificar a presença de representações conceituais e narrativas que porventura possam não ter emergido quando da primeira leitura.

4. Análise e discussão dos resultados

Aqui, os modos adotados para a transmissão da mensagem, os quais se relacionam diretamente à metafunção textual/composicional e aos aspectos semânticos, gramaticais e visuais da reportagem, são o verbal e o não verbal. Na variável de relações que se relaciona com a metafunção interpessoal/interativa e com a maneira como os interlocutores usam a linguagem para interagir socialmente, as relações se dão dialogicamente entre leitor(a) e jornalista e/ou revista *Veja* – a reportagem não tem autoria.⁵

Na variável contextual de campo, na qual deve-se considerar a natureza da prática social, relacionando-se as escolhas léxico-gramaticais e visuais dos interlocutores em nível ideacional/representacional, percebe-se, nessa reportagem, as representações verbal e não verbal da instituição midiática *Veja* – representada por um(a) autor(a)/jornalista – acerca de três atores sociais distintos: Fernanda – *a nova e bela namorada* –, Marcelo – *o bonitão no vigor de seus 38 anos* –, e Susana – *a que vem casando sucessivamente com homens alguns anos mais jovens e muitos milhões menos ricos*.

De acordo com Silva (2007), a construção das frases é mais complexa nas revistas semanais, como a *Veja*, pois o texto precisa ter ecos e ressonâncias, podendo fazer com que cada frase se torne um território minado, sujeito a interpretações, sem que se diga que algo está escrito nas entrelinhas. Sob o pretexto de reportar a notícia da morte trágica de Marcelo, Susana está representada na reportagem também através de uma retrospectiva verbal e visual sobre mulheres maduras, de sucesso profissional, e seus relacionamentos amorosos – há um “quadro adicional” sobre essa questão intitulado *Mulher bonita, rica e poderosa procura...*

Em relação às escolhas lexicais dos PVT, os processos relacionais – PRE –, de função classificatória, estão presentes em maior número em todo o texto e em relação aos três principais atores sociais tematizados (Quadro 4).

<i>Aos 66 anos</i> [Susana]	<i>tem</i>	<i>uma característica</i> <i>rara:</i>	[Susana]	<i>continua a</i> <i>ser</i>	<i>protagonista de</i> <i>novelas.</i>
Possuidor	PRE	Possuído	Portador	PRE	Atributo

Quadro 4: Exemplos de orações com processos relacionais.

Entretanto, os PRE podem ser observados mais quando o(a) autor(a) fala de Susana, indicando uma maior avaliação dessa personagem do “triângulo” do que do personagem Marcelo, por exemplo, que deu origem à reportagem (Gráfico 1 e Tabela 1).

⁴ A edição impressa apresenta 12 imagens.

⁵ As metafunções textual/composicional e interpessoal/interativa não são objetos deste estudo.

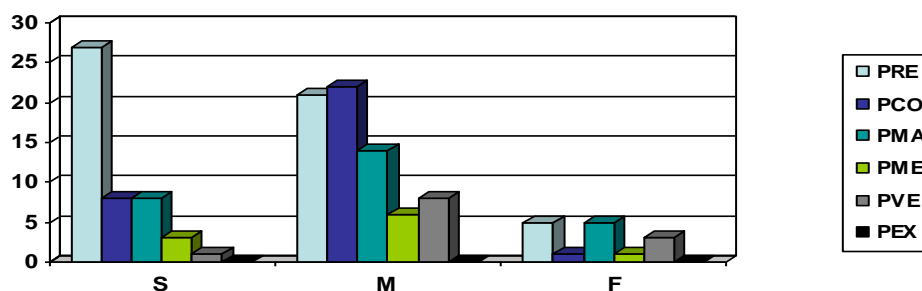


Gráfico 1: Processos verbais de transitividade relacionados aos atores sociais do “triângulo”.

PVT (total)	S	M	F	M x S	M x F	S x M x F
PRE (73)	27	21	5	6	2	1
PCO (43)	8	22	1	0	3	0
PMA (34)	8	14	5	0	0	1
PME (21)	3	6	1	0	0	0
PVE (20)	1	8	3	1	0	0
PEX (2)	0	0	0	0	0	0

Tabela 1: Ocorrência dos processos verbais de transitividade nas orações.

A análise das dez imagens isoladas presentes na reportagem (Quadro 5) no nível representacional revela o mesmo número de processos conceituais (5 PCA e 1 PCS-S) e de processos narrativos (1 PNR-T, 3 PNR-NT e 2 PNA-NT).



Quadro 5: Imagens da versão *online* da reportagem da *Veja* (2008).

Na Imagem 1, há um processo narrativo reacional não transacional – PNR-NT –, com vetores das linhas de olhar do reator sem que se visualize o fenômeno. Na Imagem 2, há um processo conceitual analítico – PCA –, sem que haja vetores. Na Imagem 3, há um segundo processo narrativo reacional não transacional – PNR-NT –, há vetores nos olhos dos atores sem que se visualize o meta. Na Imagem 4, há um processo narrativo acional não transacional – PNA-NT –, há vetores das linhas de olhar dos atores e também um processo conceitual simbólico-sugestivo – PCS-S –, em que a champanhe que os portadores bebem sugere que estão usufruindo de uma vida de alto padrão econômico.

“Assim como na linguagem verbal há orações encaixadas – *embedded* –, o mesmo fenômeno pode ocorrer na linguagem visual” (BIASI-RODRIGUES; NOBRE, 2010, p. 3). Concordo aqui com os autores (2010, p. 4) quando escrevem que há “encaixamento” se houver “uma representação concreta e simultânea de diferentes categorias numa dada imagem ou entre imagens que compõem um gênero textual”.

Na Imagem 5, há um segundo processo conceitual analítico – PCA –, não há vetores. Na Imagem 6 há um terceiro processo conceitual analítico – PCA –, não há vetores. Na Imagem 7, há um processo narrativo reacional transacional – PNR-T –, há vetores nos olhos dos atores, que olham um para o outro. Na Imagem 8, há um quarto processo conceitual analítico – PCA –, não há vetores. Na Imagem 9, há um segundo processo narrativo acional não transacional – PNA-NT –, há vetores das linhas de olhar do ator, sem que se visualize meta; e também um terceiro processo narrativo reacional não transacional – PNR-NT –, há vetores nos olhos dos ator sem que se visualize o meta – outro encaixamento, portanto. Por fim, na Imagem 10, há um quinto processo conceitual analítico – PCA –, sem vetores.

Em uma segunda leitura das imagens, relacionando-as com o contexto sociocultural, no qual se evidencia um(a) autor(a) que questiona a união de mulheres mais velhas com homens mais jovens, pode-se observar a presença expressiva de processos conceituais classificatórios – PCC –, em 9 entre as 10 imagens reportadas, com exceção para a Imagem 1, na qual Susana aparece como a protagonista da reportagem originada pela notícia da morte de Marcelo.

Nesse caso, concordando com Biasi-Rodrigues e Nobre (2010, p. 4), entendo esses processos conceituais como uma “subjacência”, já que esse termo “nomeia mais adequadamente sua natureza, que é a de representar um posicionamento”. Segundo os autores (2010, p. 4), “não se pode fugir ao atravessamento ideológico em imagens”.

Na GDV observa-se que não fica claro se as imagens que são analisadas equivalem à oração ou ao texto. À medida que as categorias são enumeradas e ilustradas, percebemos uma inclinação dos autores em tratar as imagens de forma equivalente às orações – principalmente no que se refere ao sistema de representação ideacional. No entanto, é possível verificar numa única imagem a coexistência pacífica de diferentes formas de representação experiencial, de modo que é mais oportuno, em decorrência disso, equipararmos uma imagem à unidade que, em linguagem verbal, seria reconhecida como um texto. Convém nesse ponto lembrar que, para Bakhtin ([1959-1961] 2000),⁶ o termo *texto* poderia ser utilizado para identificar um conjunto coerente de signos não linguísticos. Segundo ele, “se tomarmos o texto no sentido amplo de conjunto coerente de signos, então também as

⁶ Cf. BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução a partir do francês de Maria Ermantina Galvão Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ciências da arte (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) se relacionam com textos”. (BIASI-RODRIGUES; NOBRE, 2010, p. 3).

Considerando-se o termo “casal” – homem e mulher – como *superordinado* de uma taxonomia “não aparente”, observa-se que, em todas as imagens com participantes subordinados em que o homem é mais velho que a mulher, suas faces se viram na mesma direção (Imagens 2, 3, 7 e 10); e, quando o homem é mais novo que a mulher, ao contrário, as faces do casal viram-se em direções opostas (Imagens 4, 5, 6, 8 e 9, Quadro 6, Gráfico 2 e Tabela 2).

(1) <i>Susana</i>	<i>olha</i>	<i>para algo ou alguém.</i>
Reator	PNR-NT	Fenômeno
(2a) <i>Marcelo e Fernanda</i>	<i>estão</i>	<i>passeando de mãos dadas.</i>
Portadores	PCA	Atributo possessivo
(2b) <i>Casal</i>	<i>destinado a final feliz</i>	<i>Marcelo e Fernanda</i>
Superordinado	PCC (subjacência)	Subordinados
(3a) <i>Susana e Régis</i>	<i>olham</i>	<i>para algo ou alguém.</i>
Reatores	PNR-NT	Fenômeno
(3b) <i>Casal</i>	<i>destinado a final feliz</i>	<i>Susana e Régis</i>
Superordinado	PCC (subjacência)	Subordinados
(4a) <i>Carson e Susana</i>	<i>bebem</i>	<i>champanhe.</i>
Atores	PNA-NT	Meta
(4b) <i>Carson e Susana</i>	<i>estão</i>	<i>usufruindo vida de alto padrão econômico.</i>
Portadores	PCS-S	Atributo simbólico sugestivo
(4c) <i>Casal</i>	<i>destinado a final infeliz</i>	<i>Carson e Susana</i>
Superordinado	PCC (subjacência)	Subordinados
(5a) <i>Susana e Marcelo</i>	<i>estão</i>	<i>mostrando as alianças de casados.</i>
Portadores	PCA	Atributo possessivo
(5b) <i>Casal</i>	<i>destinado a final infeliz</i>	<i>Susana e Marcelo</i>
Superordinado	PCC (subjacência)	Subordinados
(6a) <i>Susana e Marcelo</i>	<i>estão</i>	<i>sentados na praia.</i>
Portadores	PCA	Atributo possessivo
(6b) <i>Casal</i>	<i>destinado a final infeliz</i>	<i>Susana e Marcelo</i>
Superordinado	PCC (subjacência)	Subordinados
(7a) <i>Marcelo e Fernanda</i>	<i>olham</i>	<i>um ao outro.</i>
Reatores	PNR-T	Fenômeno
(7b) <i>Casal</i>	<i>destinado a final feliz</i>	<i>Marcelo e Fernanda</i>
Superordinado	PCC (subjacência)	Subordinados
(8a) <i>Elizabeth e Larry</i>	<i>estão</i>	<i>passeando de mãos dadas.</i>
Portadores	PCA	Atributo possessivo
(8b) <i>Casal</i>	<i>destinado a final infeliz</i>	<i>Elizabeth e Larry</i>
Superordinado	PCC (subjacência)	Subordinados
(9a) <i>Ana Maria</i>	<i>jogou</i>	<i>o buquê.</i>
Ator	PNA-NT	Meta
<i>Marcelo</i>	<i>olha</i>	<i>o buquê que Ana Maria jogou.</i>

Reator	PNR-NT	Fenômeno
(9b) <i>Casal</i>	<i>destinado a final infeliz</i>	<i>Ana Maria e Marcelo</i>
Superordinado	PCC (subjacência)	Subordinados
(10a) <i>Stéphanie e Daniel</i>	<i>estão</i>	<i>posando para a foto do casamento.</i>
Portadores	PCA	Atributo possessivo
(10b) <i>Casal</i>	<i>destinado a final feliz</i>	<i>Stéphanie e Daniel</i>
Superordinado	PCC (subjacência)	Subordinados

Quadro 6: Processos/Representações conceituais e narrativas nas imagens da reportagem.

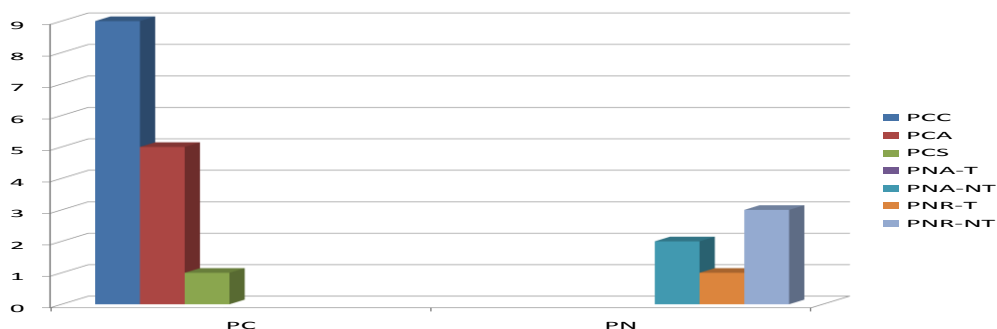


Gráfico 2: Processos conceituais e processos narrativos encontrados nas imagens da reportagem.

	PC				PN							
	PC C	PC A	PC S-A	PC S-S	PN A-NT	PN A-T	PN R-NT	PN R-T	PN C	PN M	PN V	PN S
	0	5	0	0	2	0	2	1	0	0	0	0
Encaix.	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
Subjac.	9	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Tabela 2: Ocorrência de processos conceituais e processos narrativos.

Considerações finais

A metafunção ideacional relacionada a significados representacionais relaciona-se “aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92). Na análise verbal, verifica-se que esses significados textuais representacionais, correspondentes à metafunção ideacional, revelados na forma como estão representados verbalmente os atores sociais do “triângulo” na reportagem da *Veja* (2008), mostram mulheres mais velhas em processo de mudança, como é o exemplo da atriz Susana Vieira, mas provocando resistência à aceitação dessa nova imagem pela instituição midiática em questão.

O fato dessa reportagem não ser assinada, de autor(a) desconhecido(a), considero como relevante mostra do caráter ideológico opinativo institucional da revista *Veja* acerca da mulher na maturidade. Isso é confirmado na análise verbal pelo maior número de processos relacionais de função classificatória em relação aos outros processos verbais de transitividade, bem como através da análise das imagens, através dos inúmeros processos conceituais classificatórios subjacentes encontrados, os quais classificam casais como destinados a um “final feliz” – unindo homens a mulheres mais jovens – ou a um “final infeliz” – separando homens de mulheres mais velhas do que eles.

A partir de determinada idade, o difícil vira impossível. "Ela pode escolher um mais jovem pelo puro prazer físico, um desejo respeitável, mas passível de riscos. Ou pode escolher um homem da sua idade, mas, além de raros, uma vez que também querem moças mais novas, esses homens envelheceram muito pior do que elas", diz a psicóloga Lidia Aratangy. Os finais infelizes não são surpresa. (VEJA, 2008, p. 136).

Hoje em dia, com o aumento do número de mulheres inseridas no espaço público, mulheres na maturidade já podem ser percebidas como bem-sucedidas e fortes. Entretanto ainda são vistas como solitárias e com problemas para encontrar parceiros, "o que não é verdade [...] 77,6% das mulheres são sexualmente ativas após os 50 anos" (TAMANINI-ADAMES, 2010, p. 143).

O mundo da comunicação contemporâneo é, hoje, talvez o único espaço sem fronteiras, e a circulação de imagens e representações sociais é virtualmente sem limites; as matrizes de inteligibilidade partilhadas e veiculadas pela mídia atualizam, das profundezas da memória discursiva, imagens estereotipadas do feminino e do masculino, mas não apenas em um espaço cultural definido. (SWAIN, 2001, p. 20).

Bernardes (2009, p. 78) diz que a imagem tornou-se poderosa no mundo pós-moderno fragmentado e diversificado, circulando mundialmente através da mídia e criando valores e crenças que "pouco ou nada têm que ver com a história das áreas em que vivemos ou até mesmo com nossa história particular". Isso, de acordo com a autora (2009, p. 78), compromete a nossa própria identidade, localizando-nos em um momento de transição.

Referências bibliográficas

- BAHIA, J. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BEIRAS, A.; SOUZA, C. D. de et al. Sexo e gênero em revistas: uma análise preliminar do discurso. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 13, n. 1, p. 97-104, jan. / mar. 2008.
- BENITES, S. A. L. **Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico**. São Paulo: Arte & Ciência Editora / Assis: Núcleo Editorial Proleitura, 2002. 167 p.
- BERNARDES, W. W. Pós-Modernidade, mídia e perfil identitário feminino. In: VIEIRA, J. et al. (orgs.). **Olhares em Análise de Discurso Crítica**. Brasília: Editora da UnB, 2009. p. 75-88.
- BIASI-RODRIGUES, B. & NOBRE, K. C. Sobre a função das representações conceituais simbólicas na Gramática do Design Visual: encaixamento ou subjacência? **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v. 10, n. 1, jan. / abr. 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Trad. Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde Produção Editorial, 2005. 60 p.
- BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov>>. Acesso em: 15 maio 2008.
- BUTT, D. et al. **Using functional grammar: an explorer's guide**. 2 ed. Sydney: Macquarie University, 2000. 360 p.

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

CANCELLA, M. E. de A. & ABRÃO, L. G. M. A mulher na maturidade: sua construção histórica e sua trajetória de vida nos dias atuais. **Revista Eletrônica da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro**. Uberlândia, v. 9.2, n. 1, p. 157-163, jul. / dez. 2005.

CARVALHO, I. S. & COELHO, V. L. D. Mulheres na maturidade e queixa depressiva: compartilhando histórias, revendo desafios. **Psico-USF**. Itatiba, v. 11, n. 1, p. 113- 122, jan. / jun. 2006.

CASTRO, M. C. e. Feminismo prêt-à-porter: significação da aparência na imprensa feminina e feminista do Brasil. **Cadernos AEL**. Campinas, n. 3/4, p. 111-152, 1995 / 1996.

Escândalo, pó e morte. **Veja**. São Paulo, v. 41, n. 50, p. 132-138, semanal, dez. 2008.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad. Isabel Magalhães et al. Brasília: Editora UnB, 2001. 316 p.

FOLHA DE S. PAULO. **Novo Manual de Redação**. São Paulo: Publifolha, 2001.

FRANCESCHINI, F. Notícia e reportagem: sutis diferenças. **Comum**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 22, p. 144-155, jan. / jun. 2004.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 3 ed. Revised by Christian M. I. M. Matthiessen. London: Arnold, 2004. 480 p.

HEILBORN, M. L. & CARRARA, S. Em cena, os homens... **Estudos feministas**. Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 370-374, 1998.

JORNADA, D. Z. **Avaliatividade**: estratégia discursiva na representação de atores sociais. 2009. 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

KRESS, G. & van LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 2 ed. London: Routledge, 2006. 320 p.

MELO, M. S. de S. A representação da mulher em revistas femininas. **Revel**. São Leopoldo, v. 4, n. 6, p. 1-12, mar. 2006.

MENDONÇA, E. A. P. de. Representações médicas e de gênero na promoção da saúde no climatério/menopausa. **Revista ciência & saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 155-166, fev. 2004.

MOTTA-ROTH, D. & NASCIMENTO, F. S. Transitivity in visual grammar: concepts and applications. **Linguagem & Ensino**. Pelotas, v. 12, n. 2, p. 319-349, jul. / dez. 2009.

NOVELINO, M. O. Gramática Sistêmico-Funcional e o estudo de imagens em livro didático de inglês como língua estrangeira. In: International Systemic Functional Congress, XXXIII, jul. 2006, São Paulo. **Proceedings**. São Paulo: LAEL-PUC-SP, 2006, p. 315-330.

OLIVEIRA, D. M. de; JESUS, M. C. P. de; MERIGHI, M. A. B. O climatério sob a ótica de mulheres assistidas em uma unidade de saúde da família de Juiz de Fora – Minas Gerais. **Revista de atenção primária à saúde**. Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 42-53, jan. / mar. 2008.

PEREIRA, V. L. Gênero: dilemas de um conceito. In: STREY, M. N.; CABEDA, S. T. L.; PREHN, D. R. (orgs.). **Gênero e cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2004. p. 173- 198.

SANTOS, F. R. da S.; SOUZA, M. Aspectos multimodais em editoriais da *Veja*. In: Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, II, set. 2008, Recife. **Anais**. Recife: NEHTE-UFPE, 2008, p. 1-16.

SCOTT, J. W. O enigma da igualdade. Trad. Jo Klanovicz e Susana Bornéo Funck. **Estudos Feministas**. Florianópolis, n. 13, v. 1, p. 11-30, jan. / abr. 2005.

SILVA, M. J. S. da. **Jornalismo e Literatura** – uma relação possível. 88 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2007.

SOUZA, J. A. de. Uma ceia nada santa: visão sacrílega do banquete do poder, capturada pelas cores berrantes da paródia. In: Congresso de Leitura do Brasil, XVI, jul. 2007, Campinas. **Anais**. Campinas: ALB, 2007, p. 2-10.

SWAIN, T. N. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”. **História: Questões & Debates**. Curitiba, n. 34, p. 11-44, 2001.

TAMANINI-ADAMES, F. A. **Análise polifônica de estereótipos na mídia**: uma nova identidade para a mulher na maturidade? 2010. 214 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

UNSWORTH, L. **Teaching multiliteracies across the curriculum**: changing contexts of text and image in classroom practice. Buckingham / Philadelphia: Open University Press, 2001. 306 p.

VENTURA, C. S. M.; LIMA-LOPES, R. E. de. O Tema: caracterização e realização em português. **Direct Papers**. São Paulo / Liverpool, n. 47. p. 1-16, 2002.

VIEIRA, J. A. A identidade da mulher na modernidade. **Delta**. São Paulo, v. 21, n. especial, p. 207-238, 2005.

VILAS-BOAS, S. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996. 132 p.

Recebido em: 22.09.10
Aprovado em: 05.11.10